

Razão e Sensibilidade

Jane
Austen

Razão
^e
Sensibilidade

Tradução Marcelo Barbão



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Sense and Sensibility

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Jane Austen

Capa
Ana Dobón

Tradução
Marcelo Barbão

Imagens
Ann.and.Pen/shutterstock.com;
SuslO/shutterstock.com;

Revisão
Mariane Genaro
Agnaldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933r	Austen, Jane, 1775-1817
	Razão e Sensibilidade / Jane Austen ; traduzido por Marcelo Barbão. - Jandira, SP : Principis, 2021. 288 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: Sense and Sensibility ISBN: 978-65-5552-274-7
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Barbão, Marcelo. II. Título. III. Série.
2020-3105	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

Texto publicado integralmente no livro *Razão e sensibilidade*, em 2018, na edição brochura pela editora Ciranda Cultural. (N.E.)

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Capítulo 1	7
Capítulo 2	10
Capítulo 3	15
Capítulo 4	18
Capítulo 5	23
Capítulo 6	25
Capítulo 7	28
Capítulo 8	31
Capítulo 9	34
Capítulo 10	38
Capítulo 11	43
Capítulo 12	47
Capítulo 13	51
Capítulo 14	56
Capítulo 15	60
Capítulo 16	66
Capítulo 17	71
Capítulo 18	75
Capítulo 19	79
Capítulo 20	85
Capítulo 21	91
Capítulo 22	98
Capítulo 23	105
Capítulo 24	110
Capítulo 25	115
Capítulo 26	120

Capítulo 27	125
Capítulo 28	132
Capítulo 29	135
Capítulo 30	145
Capítulo 31	151
Capítulo 32	160
Capítulo 33	166
Capítulo 34	173
Capítulo 35	179
Capítulo 36	185
Capítulo 37	192
Capítulo 38	202
Capítulo 39	209
Capítulo 40	214
Capítulo 41	220
Capítulo 42	226
Capítulo 43	230
Capítulo 44	238
Capítulo 45	251
Capítulo 46	256
Capítulo 47	263
Capítulo 48	269
Capítulo 49	273
Capítulo 50	283



Capítulo 1

A família Dashwood estabeleceu-se há tempos em Sussex. A propriedade era grande e a residência ficava em Norland Park, no centro das terras, onde, por muitas gerações, tinham vivido de maneira tão respeitável que conquistaram uma boa reputação entre os vizinhos. O antigo proprietário era um homem solteiro, que vivera até uma idade muito avançada e que por muitos anos de sua vida teve a irmã como companheira fiel e governanta. Mas a morte dela, que aconteceu dez anos antes da sua, produziu uma grande alteração em seu lar; e para suportar a perda, ele convidou e acolheu em casa a família do sobrinho, o senhor Henry Dashwood, herdeiro legal da propriedade de Norland e a pessoa a quem ele pretendia deixar seus bens. Na companhia do sobrinho e da sobrinha, e dos filhos destes, o velho cavalheiro passava dias confortáveis. Seu apego a todos eles foi aumentando com o tempo. A atenção constante do senhor e da senhora Henry Dashwood aos desejos dele, a qual ocorria não apenas por interesse, mas por fruto da bondade no coração, garantiu o sólido conforto que sua idade poderia receber, e a alegria das crianças acrescentou prazer à sua existência.

De um primeiro casamento, o senhor Henry Dashwood teve um filho; com a atual esposa, três filhas. O filho, um jovem calmo e respeitável, era sustentado pela fortuna da mãe, que fora grande, metade da qual recebera ao atingir a maioridade. Com seu próprio casamento, que aconteceu pouco depois, ele aumentou a fortuna. Para ele, portanto, receber a propriedade de Norland não era tão importante como para as irmãs; já que a fortuna delas, independentemente do que receberiam se o pai herdasse

a propriedade, só poderia ser pequena. A mãe delas não tinha nada, e o pai contava com apenas 7 mil libras à sua disposição. A metade restante da fortuna da primeira esposa também estava assegurada ao filho, e ele apenas tinha direito a usá-la em vida.

O velho cavalheiro morreu: seu testamento foi lido e, como quase qualquer testamento, gerou tanta decepção quanto alegria. Ele não foi nem injusto nem ingrato, deixando sua propriedade para o sobrinho. Mas deixou para ele sob certas condições que anularam metade do valor do legado. O senhor Dashwood desejava o lugar mais por causa da esposa e das filhas do que para si mesmo ou seu filho, mas a herança foi deixada para o filho e o neto, um menino de 4 anos, de tal modo que ele não tinha como assegurar o sustento das quatro mulheres que mais amava e que mais necessitavam de um sustento como titulares da propriedade ou por meio das vendas de sua floresta valiosa. Tudo estava feito para que o neto fosse o beneficiário, pois, nas visitas ocasionais com os pais a Norland, o menino tinha conquistado a afeição do velho tio, por meio dos atrativos que não são incomuns em crianças de 2 ou 3 anos de idade; uma articulação impecável, um desejo sincero de fazer as coisas do seu jeito, muitos truques astutos e muito barulho, os quais superaram todo o valor da atenção que, durante anos, ele tinha recebido da sobrinha e das filhas. Ele não quis ser indelicado, no entanto, e, como demonstração de seu carinho pelas três garotas, deixou mil libras para cada uma.

A decepção do senhor Dashwood foi grande no começo, mas seu temperamento era alegre e otimista, e ele poderia razoavelmente ter a esperança de viver muitos anos de maneira econômica, podendo juntar uma soma considerável da produção de uma propriedade bastante grande e capaz de melhorias quase imediatas. Mas a sorte, que demorou tanto para chegar, só durou 12 meses. Ele sobreviveu pouco tempo ao tio, e dez mil libras, incluindo os legados posteriores, foi tudo que restou para a viúva e suas filhas.

O filho do senhor Dashwood foi chamado logo que a saúde do pai piorou, e este pediu a ele, com toda a força e urgência que a doença poderia exigir, que cuidasse da madrastra e das meias-irmãs.

O senhor John Dashwood não tinha fortes sentimentos pelo resto da família, mas foi afetado por um pedido dessa natureza em tal momento, e prometeu fazer tudo que estivesse ao seu alcance para mantê-las confortáveis. Seu pai ficou mais tranquilo com essa garantia e o senhor John Dashwood teve então a calma para considerar com prudência o quanto poderia fazer por elas.

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Ele não era um jovem com más intenções, a não ser que ter o coração bastante frio e ser um tanto egoísta seja ter más intenções, mas ele era, em geral, respeitado, pois atuava com propriedade no cumprimento de seus deveres. Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ter se tornado ainda mais respeitável do que era. Poderia até ter se tornado agradável também, pois era muito jovem quando se casou e gostava muito de sua esposa. Mas a senhora John Dashwood era uma forte caricatura dele, mais tacanha e egoísta.

Quando fez a promessa a seu pai, ele ponderou que aumentaria a fortuna de suas irmãs dando um presente de mil libras a cada uma. E sentiu-se satisfeito com isso. A perspectiva de quatro mil por ano, além da renda atual, mais a metade remanescente da fortuna da mãe, aqueceu seu coração e o fez se sentir capaz de tal generosidade. “Sim, ele lhes daria três mil libras: seria generoso e bonito! Seria suficiente para que vivessem bem. Três mil libras! Ele poderia dispendir uma quantia tão considerável com poucos inconvenientes”. Pensou nisso o dia todo e por muitos dias seguidos, e não mudou de ideia.

Assim que terminou o funeral de Henry Dashwood, a senhora John Dashwood, sem avisar suas intenções para a sogra, chegou com o marido e os empregados. Ninguém poderia contestar seu direito de vir, a casa era do marido desde o momento da morte do pai, mas a indelicadeza de sua conduta foi muito grande, e para uma mulher na situação da senhora Dashwood, com sentimentos delicados, deve ter sido muito desagradável. Em sua mente, no entanto, havia uma sensação de honra tão forte, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa do tipo, dada ou recebida por quem quer fosse, era para ela uma fonte de desgosto irreparável. A senhora John Dashwood nunca fora uma das favoritas da família do marido, mas ela não tivera oportunidade, até então, de mostrar como poderia ter pouca consideração com o conforto das outras pessoas quando a ocasião exigisse.

A senhora Dashwood sentiu com tanta intensidade esse comportamento desagradável e com tanto fervor desprezava sua nora por isso que, na chegada do senhor Dashwood, teria deixado a casa para sempre, não fosse o pedido da filha mais velha, que a fez refletir sobre a conveniência de partir, e seu amor por suas três filhas, que determinou que ela ficasse, e, pelo bem delas, evitasse um rompimento com o irmão.

Elinor, a filha mais velha, cujo conselho foi tão eficaz, tinha uma capacidade de compreensão e uma serenidade de julgamento que a qualificavam,

embora tivesse apenas 19 anos, a ser a conselheira da mãe, e permitia que atuasse com frequência, em benefício das quatro, contra a impetuosidade da senhora Dashwood, que em geral levava à imprudência. Ela possuía um coração excelente, era afetuosa e seus sentimentos eram fortes, mas sabia como governá-los: era um conhecimento que a mãe ainda não havia aprendido e que uma das irmãs tinha resolvido nunca aprender.

As habilidades de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante iguais às de Elinor. Ela era sensata e inteligente, mas ansiosa em tudo: seus sofrimentos e suas alegrias não tinham moderação. Ela era generosa, amável, interessante: era tudo, menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era muito grande.

Elinor via com preocupação o excesso de sensibilidade da irmã, mas isso era muito valorizado e apreciado pela senhora Dashwood. Agora, elas se encorajavam de maneira mútua diante da violência de sua aflição. A agonia do sofrimento que as dominou no início foi voluntariamente renovada, procurada, recriada diversas vezes. Elas se entregavam por completo à tristeza, buscando aumentar a infelicidade em cada reflexão que poderiam ter e estavam decididas a nem mesmo admitir qualquer consolo no futuro. Elinor também estava bastante aflita; mas ainda podia lutar, podia se esforçar. Ela conseguia conversar com o irmão, conseguiu receber a cunhada em sua chegada e tratá-la com a devida atenção, o e empenhou-se em convencer a mãe a realizar um esforço semelhante e encorajá-la a conquistar a mesma tolerância.

Margaret, a outra irmã, era uma garota bem-humorada e bem-disposta; mas, como já havia se embriagado com uma boa dose do romantismo de Marianne, sem ter muito de seu juízo, aos 13 anos não parecia provável que se igualasse às irmãs em um estágio mais adiantado da vida.

Capítulo 2

A senhora John Dashwood, agora instalada como senhora de Norland, relegou a sogra e as cunhadas à condição de visitantes. Como tal, no entanto, elas eram tratadas com uma civilidade tranquila e, pelo marido, com tanta bondade quanto ele conseguia demonstrar por outra pessoa além de si mesmo, da esposa e do filho. Ele realmente as incentivava, com alguma franqueza, a considerar Norland como a casa delas e, como não apareceu

nenhum plano viável para a senhora Dashwood além de permanecer lá até que pudesse se acomodar em outra casa na região, o convite foi aceito.

Continuar em um lugar onde tudo lhe lembrava da felicidade anterior era o mais apropriado para sua mente. Nas épocas de alegria, nenhum temperamento poderia ser mais alegre do que o dela, ou ter, em maior grau, essa predisposição otimista pela felicidade que é a própria felicidade. Mas no sofrimento, ela era também carregada por seus caprichos e, tanto no consolo quanto na alegria, era exagerada.

A senhora John Dashwood não aprovava o que o marido pretendia fazer por suas irmãs. Tirar três mil libras da fortuna de seu querido menino seria empobrecê-lo ao grau mais terrível. Ela implorou para que ele repensasse o assunto. Como poderia pensar em roubar de seu filho, seu único filho, uma quantia tão grande? E que possível direito poderiam ter as Dashwood, que eram apenas meias-irmãs dele, algo que ela nem considerava parentes, para receber uma quantia tão grande por mera generosidade dele? Era bem sabido que nenhum afeto deveria existir entre os filhos nascidos de diferentes casamentos, e por que ele deveria se arruinar, e a seu pobre Harry, dando todo seu dinheiro para suas meias-irmãs?

– Foi o último pedido do meu pai – respondeu o marido – que eu deveria ajudar sua viúva e filhas.

– Ele não sabia o que estava falando, ousou dizer. Aposto que não estava bem da cabeça no momento. Se estivesse em seu juízo, não teria pensado em algo como pedir que desse metade da fortuna do próprio filho.

– Ele não estipulou nenhuma soma em especial, minha querida Fanny, só me pediu, em termos gerais, para ajudá-las e tornar sua situação mais confortável do que ele foi capaz. Talvez daria no mesmo se não tivesse me pedido nada. Ele nunca imaginaria que eu as negligenciaria. Mas como me fez prometer, não pude recusar, pelo menos foi o que pensei no momento. A promessa, portanto, foi dada e deve ser cumprida. Algo deve ser feito por elas quando deixarem Norland e se instalarem em uma nova casa.

– Bem, então, deixe que algo seja feito por elas, mas esse algo não precisa ser três mil libras. Considere – ela acrescentou – que, quando se abre mão de dinheiro, ele não volta mais. Suas irmãs se casarão e o dinheiro vai desaparecer para sempre. Se, de fato, houvesse como devolvê-lo a nosso pobre menino...

– Bom, na verdade – disse seu marido, muito sério –, isso faria uma grande diferença. Pode chegar o momento em que Harry vai lamentar ter

se separado de uma quantia tão grande. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, esse dinheiro poderia ser um acréscimo muito conveniente.

– Certamente seria.

– Talvez, então, seria melhor, para todas as partes, se a soma fosse diminuída pela metade. Quinhentas libras seria um aumento prodigioso para as fortunas delas!

– Ó! Mais do que prodigioso. Que irmão na Terra daria metade disso para suas irmãs, mesmo que fossem legítimas! E elas são apenas meias-irmãs! Mas você tem um espírito tão generoso!

– Eu não gostaria de fazer nada mesquinho – ele respondeu. – É preferível, em tais ocasiões, fazer muito a fazer pouco. Ninguém, pelo menos, poderá dizer que não fiz o suficiente por elas. Nem mesmo elas podem esperar mais.

– Não há como saber o que elas podem esperar – disse a senhora –, mas não devemos pensar nas expectativas delas: a questão é o que você pode se dar ao luxo de fazer.

– Certamente. E acho que posso dar 500 libras a cada uma. Dessa forma, sem nenhum acréscimo meu, elas terão cerca de três mil libras caso a mãe morra. Uma fortuna muito confortável para qualquer jovem mulher.

– Sim, e, na verdade, penso que podem nem querer mais do que isso. Elas terão dez mil libras divididas entre si. Se se casarem, com certeza será um bom casamento, e se não o fizerem, todas poderão viver juntas de maneira muito confortável com os rendimentos das dez mil libras.

– Isso é muito verdadeiro e, portanto, não sei se, levando tudo em consideração, não seria mais aconselhável fazer algo pela mãe enquanto estiver viva, e não para elas. Algo como uma anuidade, quero dizer. Minhas irmãs sentiriam os bons efeitos disso, tanto quanto a própria mãe. Cem libras por ano fariam com que se sentissem perfeitamente confortáveis.

A esposa hesitou um pouco, no entanto, em dar seu consentimento a esse plano.

– Com certeza – disse ela –, é melhor do que abrir mão de 1.500 libras de uma vez. Mas, então, se a senhora Dashwood viver mais do que 15 anos, teremos um grande prejuízo.

– Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida dela não vale nem a metade disso.

– Certamente não, mas, se você observar, as pessoas sempre vivem muito mais quando há uma pensão a receber, e ela é muito forte e saudável e nem chegou aos 40. Uma anuidade é um negócio muito sério. É preciso

pagar todos os anos e não há como se livrar disso. Você não tem consciência do que está fazendo. Conheço muito o problema das anuidades, pois minha mãe estava sobrecarregada com o pagamento de três para empregadas aposentadas pela vontade do meu pai, e é incrível como achava isso desagradável. Duas vezes por ano, essas pensões deveriam ser pagas, e havia o problema de levar o dinheiro até elas. Uma vez disseram que uma delas tinha morrido e depois descobrimos que não foi assim. Minha mãe estava bastante cansada disso. Sua renda não era dela, dizia, com tais pensões perpétuas, e foi muito indelicado por parte do meu pai, porque, caso contrário, o dinheiro teria estado à inteira disposição da minha mãe, sem nenhuma restrição. Isso me causou tanta aversão às pensões que tenho certeza de que nunca prometeria o pagamento de uma por nada neste mundo.

– É com certeza desagradável – respondeu o senhor Dashwood – ter esse tipo de redução anual da renda de alguém. A fortuna de uma pessoa, como sua mãe diz com justiça, acaba não sendo própria. Estar preso ao pagamento regular de tal soma, a cada ano, não é desejável de nenhuma maneira: tira a independência de qualquer pessoa.

– Sem dúvida, e depois de tudo, você não recebe nem um obrigado por isso. Elas acham que estão seguras, que você não faz mais do que sua obrigação, e isso não gera nenhuma gratidão. Se eu fosse você, tudo o que fizesse deveria ser feito a seu exclusivo critério. Não me comprometeria a pagar nada anualmente. Pode ser muito inconveniente em alguns anos diminuir cem ou mesmo cinquenta libras das nossas próprias despesas.

– Acredito que esteja certa, meu amor, será melhor que não haja anuidade neste caso, o que eu puder dar em algumas ocasiões será uma assistência muito maior do que uma mesada anual, pois elas apenas elevariam seu estilo de vida se sentissem a segurança de uma renda maior, e não seriam nem um pouco mais ricas por isso no final do ano. Com certeza será a melhor maneira. Um presente de cinquenta libras, de vez em quando, impedirá que fiquem angustiadas por dinheiro e, na minha opinião, estarei cumprindo a promessa a meu pai.

– Com certeza estará. Para dizer a verdade, estou convencida de que seu pai não queria que você desse dinheiro a elas. A assistência que ele pensou, ousou dizer, era apenas o que poderia ser razoavelmente esperado de você. Por exemplo, procurar uma casa pequena confortável para elas, ajudá-las a levar suas coisas e enviar peixes, carne e produtos da estação. Aposto minha vida que ele não quis dizer mais nada. Na verdade, seria muito estranho e irracional se tivesse feito isso. Considere, meu querido senhor Dashwood,

como madrasta e filhas podem viver com excesso de conforto com os juros de sete mil libras, além das mil libras que são de cada uma das meninas, o que rende cinquenta libras por ano para cada uma e, é claro, elas pagarão à mãe pela moradia com este dinheiro. No total, terão quinhentas libras por ano entre elas, e que mais podem querer quatro mulheres? Elas viverão muito bem! Os cuidados da casa serão pouquíssimos. Não possuirão carruagens nem cavalos e terão poucos criados. Não receberão visitas nem terão despeza! Apenas imagine como elas ficarão confortáveis! Quinhentas libras por ano! Tenho certeza de que não consigo imaginar como gastarão metade disso, e quanto a dar mais, é bastante absurdo pensar nisso. Elas é que poderão dar algo para você.

– Dou minha palavra – disse o senhor Dashwood – que acredito que você está certa. Meu pai com certeza não poderia querer dizer outra coisa, em seu pedido para mim, do que o que você está dizendo. Entendo com clareza agora e vou cumprir estritamente meu compromisso com esses atos de assistência e gentileza que você descreveu. Quando minha madrasta se mudar para outra casa, meus serviços devem estar prontos para acomodá-la o máximo que puder. Também poderá ser aceitável presenteá-las com alguns móveis.

– Certamente – respondeu a senhora John Dashwood –, mas, no entanto, *uma* coisa deve ser considerada. Quando seu pai e sua madrasta se mudaram para Norland, venderam todos os móveis de Stanhill, mas guardaram a porcelana, a prataria e as roupas finas, e agora é tudo da sua madrasta. Sua casa, portanto, estará equipada quase por completo assim que ela se mudar.

– Essa é uma consideração importante, sem dúvida. Um legado valioso, decerto! E, no entanto, uma parte das louças seria um lindo acréscimo para a que temos aqui.

– Sim, e o conjunto de café da manhã é duas vezes mais bonito do que o que pertence a esta casa. Bonito demais, na minha opinião, para qualquer lugar que elas possam ter condições de vir a morar. No entanto, é assim. Seu pai pensou apenas nelas. E devo dizer isso: que você não deve nenhuma gratidão especial a ele nem atenção aos seus desejos, pois sabemos muito bem que, se pudesse, ele teria deixado quase tudo no mundo para elas.

Este argumento era irresistível. Deu às intenções dele qualquer poder de decisão que estivesse faltando, e por fim ele resolveu que seria absolutamente desnecessário, se não inadequado por completo, fazer mais pela viúva e as filhas de seu pai do que algum tipo de ato de gentileza, como a própria esposa tinha mencionado.

Capítulo 3

A senhora Dashwood permaneceu em Norland por vários meses. Não por qualquer falta de desejo de se mudar, quando a visão de cada ponto bem conhecido da casa deixou de aumentar a emoção violenta que outrora produzira. Quando seu ânimo começou a voltar ao normal e sua mente tornou-se capaz de algum outro esforço que não o de aumentar sua aflição por meio de lembranças melancólicas, ela ficou impaciente para ir embora e começou uma infatigável busca por uma casa adequada na vizinhança de Norland. Afinal, mudar-se para longe daquele local amado era impossível. Mas ela não encontrou nenhum lugar que de uma só vez lhe fosse agradável e cômodo, e aceitou a prudência da filha mais velha, cujo julgamento mais firme rejeitou várias casas que a mãe teria aprovado, por serem grandes demais para a renda delas.

A senhora Dashwood tinha sido informada pelo marido da solene promessa feita pelo filho de que cuidaria delas, o que deu conforto a ele em seus últimos pensamentos antes de morrer. Ela não duvidava da sinceridade dessa promessa, assim como o marido não tinha duvidado, e ficou satisfeita pelas filhas, embora acreditasse que uma provisão muito menor do que sete mil libras seria mais do que suficiente para elas. Ficou satisfeita pelo irmão de suas filhas, também, por ter demonstrado possuir um bom coração, e se censurou por ter sido injusta com ele antes, ao acreditar que era incapaz de tal generosidade. A atenção dele a ela e às irmãs convenceu-a de que seu bem-estar era muito importante para ele e, por muito tempo, acreditou firmemente na generosidade de suas intenções.

O desprezo que sentira pela nora desde quando a conhecera aumentou muito com um conhecimento maior de seu caráter, o qual fora proporcionado durante meio ano de residência conjunta. E talvez, apesar de toda cortesia ou afeição maternal demonstrada pela senhora Dashwood, as duas senhoras poderiam ter achado impossível ter vivido juntas por tanto tempo, se não houvesse ocorrido uma circunstância particular que diminuiu ainda mais a possibilidade, segundo a opinião da senhora Dashwood, de permanência de suas filhas em Norland.

Essa circunstância foi um crescente apego entre a filha mais velha e o irmão da senhora John Dashwood, um jovem e agradável cavalheiro que foi apresentado à família logo após o estabelecimento da irmã em Norland, e que desde então passava lá a maior parte do tempo.